

Maestro Benjamin: o resgate da memória nacional.

31 de janeiro de 1902. Nascia no Rio de Janeiro, Benjamin Barreto da Silva Araújo, cercado de música por todos os lados. Antes que eu pudesse extrair algumas referências biográficas, no início da conversa, o maestro sacou de algumas páginas. Ato contínuo, ambos soltamos as amarras e o vento soprou.

“Papai tocava piano de ‘ouvido’; peças inteiras sem errar. Todos os dias à hora do jantar, tínhamos uma sessão de música. Serestas, músicas sinfônicas, operetas, canto lírico, valsas populares. Era um ambiente musical. Meu pai dirigia três bandas em Friburgo”.

Há alguns anos tentei reatar laços com a música clássica, através do maestro Benjamin. Tentativa infrutífera da minha parte. Perguntei: — E as aulas, como vão...? Sem suspirar, o maestro atacou súbito: — Parei...

“O ensino do piano é muito longo, é preciso base sólida. No interior então, é precário. Nunca houve uma fiscalização sistemática para aplicação dos princípios.

Existem muitas professorinhas mal formadas, despreparadas para o ensino. É um fenômeno psicológico também. Você veja, o aluno toca para o professor, não para uma platéia. Nas pequenas rodas, os amigos preferem ouvir discos, não estão acostumados a ouvir música ao vivo. Isso desprestigia a criança, o aluno que está aprendendo. Então, quando você pede para tocar uma música, vem a vergonha, as desculpas, justamente pela falta do costume. Quando tive uma escola de música

O maestro Benjamin é um manancial de informações. Foram quase quatro horas de entrevista, sem trégua. Uma conversa povoada de gente, música, política, alegrias e tristezas. Chegar a estas linhas foi tarefa amazônica, para relatar um pequeno universo das relações desse homem com a vida. Os traços vivos da memória histórica e enriquecedora desse artista notável, ainda estão por merecer muitas páginas.

O caminho está aberto.

ESPAÇO ABERTO

José Armando Bueno de Almeida

tando, e a orquestra estava na frente. Não podia dar certo mesmo. E olha, o Carlos Galhardo é um dos cantores mais afinados que conheci”.

O maestro Benjamin vai relatando a sua convivência com a riqueza artística do Rio em muitas épocas. No cinema Odeon recorda Ernesto Nazareth tocando piano nas tardes, antes das sessões. No Palace, Pixinguinha e os Oito Batutas. Seu último encontro com Carmem Miranda foi pegando uma carona até o Copacabana Palace, onde

— Tire uma cópia para mim.

O tempo passou, Villa-Lobos morreu. Passando revista no meu material reencontrei aqueles originais. Imaginando o que fazer com as músicas, resolvi doar ao Museu Villa-Lobos. D. Arminda, sua segunda mulher ficou encantada, adorou. Lá tem um livro de registros no qual fiz uma dedicatória em nome da família, dos amigos e entreguei as músicas. D. Arminda me deu, em retribuição, um disco de Villa-Lobos com uma conferência e um solo. Isso foi em 19 de

bom que deve estar perdido por aí. E da época dos teatros de revista. Eu preciso pesquisar, fazer contatos”.

Dono de invejável produção musical, de choros a sinfonias, de sambas ao canto lírico, ele se dedica agora a catalogar suas obras e remetê-las, em doses homeopáticas, à Funarte e Arquivo Nacional. Mas, assim como executa esse longo trabalho, está preocupado com a produção daqueles que foram seus contemporâneos. Nenhuma promessa. É sim muita força de vontade em resgatar a



em Resende, lutei contra esse tipo de comportamento.

Uma vez por mês, reunia todos os alunos, pais e professores, num pequeno recital, para quebrar esse complexo de tocar perante o público. Também porque a música erudita tem uma difusão quase nula no Brasil. É uma questão de formação cultural”.

NOS TEMPOS DO CAFÉ NICE

“Na década de 30, o Rio de Janeiro tinha uma vida musical muito restrita. Vivíamos em blocos. O ponto de encontro era o Café Nice.

Todos se conheciam. Maestros, cantores, músicos, o pessoal das gravadoras, teatro.

Tive uma companhia de artistas por volta de 1937, 38. Tinha dez orquestras trabalhando no Rio. Copacabana Palace, Quitandinha.

Trabalhei durante muitos anos com teatro de revista.

Fazia muita música. Era uma profissão como outra qualquer, com horários, cronogramas dos espetáculos.

Eu fazia arranjos para muitos compositores da época. Inclusive aconteceu um fato interessante que muito poucos conhecem. A d. Darci Vargas, mulher do Getúlio Vargas, estava montando uma peça para revista e chamou o Ari Barroso, um amigo. O Ari chegou com a Aquarela do Brasil. Mas a d. Darci achou que tinha muito Brasil, Brasil, Brasil. E realmente tinha Brasil demais. Ela pediu a ele que desse um jeito porque a música era muito boa. Depois o Ari voltou e apresentou a versão que conhecemos hoje, com três ou quatro Brasil, Brasil. Depois disso fiz os arranjos do espetáculo e ficou tudo bem. Convivi muito também com Lamartine Babo, João de Barro, Ciro Monteiro. Uma vez Carlos Galhardo, que estava em começo de carreira, ficou preocupado.

Estavam dizendo que ele desafiava muito e ia ser mandado embora de um espetáculo que estava fazendo.

E que ele entrava em cena pelo fundo do palco, can-

cia estava fazendo um show de janeiro de 1971”.

Reclamando muito da chuva que tomou, o dilúvio da última quarta-feira, o maestro tossia um pouco mas não dava mostras de cansaço. Instigando daqui e dali, consegui mais algumas preciosidades.

VILLA-LOBOS

“Por volta de 1914, em Friburgo, havia uma orquestra de câmara em casa, formada por parentes e amigos. Era o Quarteto Friburguense. O Villa-Lobos apareceu e pediu para deixar uma lembrança, escrevendo na hora três peças para a nossa orquestra. Passou o tempo. Por volta da década de 40, não me recordo exatamente quando, Villa-Lobos estava ensaiando uma orquestra no teatro João Caetano. Pouco depois estávamos no seu camarim e me lembrei das músicas.

— Eu tenho três composições suas que o senhor não tem.

— Eu não me lembro!

— Lembra-se em Friburgo, o nosso quarteto estava reunido...

— Tenho uma vaga idéia.

— Eu tenho os originais guardados.

A MEMÓRIA DESTRUÍDA

Um pouco revoltado e triste, o maestro Benjamin fala da falta de memória do País com a própria cultura. Só agora está havendo uma pequena ajuda oficial para colher e catalogar as obras de autores nacionais. O Arquivo Nacional, a Funarte e o Pró-Memória estão envolvidos neste longo trabalho.

Ele mostra um catálogo que registra compositores e suas obras. Muitos que têm dezenas, centenas de obras, estão no catálogo como autores de tres ou quatro composições. Onde está todo esse material?

“Eu não me lembro exatamente quando, mas por volta de 1945, 48, o governo chamou a Rádio Mayrink Veiga. Os sargentos da Marinha sumiram com o arquivo, um dos maiores naquela época.

Eu tenho mais ou menos oito mil composições que foram perdidas nos incêndios da Bandeirantes e da Record. Eu estou planejando ir ao Rio, assim que esse tempo melhorar, para tentar levantar um material muito

memória daquela que é sua vida, da exponencial produção musical do seu tempo.

A medida que conversamos, ele não se cansa de procurar e mostrar recortes amarelados pelo tempo, fotos, textos da própria lavra, músicas, discos, uma parafernália de informações que está organizando. Mesmo com a bagunça aparente no seu pequeno quarto, ele sabe onde está cada pedaço de coisa que possa ilustrar sua narrativa.

Vai contando a sua experiência como presidente do Clube do Choro de São Paulo, os encontros com Paulinho da Viola, Canhoto da Paraíba, Zimbo Trio, Abel Ferreira, Audálio Dantas que permitiu o uso da sede do Sindicato dos Jornalistas pelo Clube. Fala com desgosto do desinteresse que depois se abateu sobre o grupo, e a sua luta para não deixar morrer esse movimento de resistência da música brasileira.

Seus relatos são longos, ricos, e o material colhido dá para começar um livro. É quase madrugada e preciso fechar a entrevista. O jornal está para sair. Lá fora, a chuva não pára.

invadem a cidade

Numa programação inédita em São José dos Campos, o Atelier Música & Arte e o Grupo Editorial Ricordi, estão promovendo o 1.º Curso de Interpretação Violonística, de 22 a 30 de janeiro. O curso não se destina exclusivamente a pessoas com formação instrumental. Mesmo que você não saiba música, poderá cursar na situação de ouvinte e, devido à diversificação didática, você aprenderá muita coisa.

O preço do curso é de cinco mil cruzeiros, com direito a certificado e material didático fornecido pela Ricordi.

As aulas estão divididas em três fases: uma pela manhã dedicada a aulas individuais; à tarde aula em grupo (master class) e à noite recitais.

Constam do cardápio musical os mais diversos compositores e estilos como John Dowland, Almeida Prado, Bach, Mozart, Guido Santorsula e João Pernambuco.

Uma das melhores atrações do curso é o ciclo de recitais no Teatro Benedito Alves da Silva. A programação, que estará aberta ao público, é a seguinte: dia 22 - Hector Alves Mejia, da Colômbia, interpretando peças clássicas; dia 23 - Cristina Azuma Rodrigues, de São Paulo, com peças clássicas; dia 25 - Angela Muner, de São Paulo, também com peças clássicas; dia 29 - Geraldo Ferreira, de Taubaté, interpretando músicas populares; dia 30 - Roberto Paiva Teixeira, de Pinda, interpretando peças contemporâneas e outras de sua autoria. Todos os recitais serão às 20:30 hs., exceto no dia 30, que será às 17:00 hs. Dia 25 às 15:00 hs. o curso promove uma palestra sobre a História do Violão, com o professor Henrique Pinto.

Os contatos para inscrições e informações podem ser feitos no Atelier Música & Arte, rua Machado Sidney, 36 - fone: 21-0497 e no Edifício Vip Center, rua Euclides Miragaia, 394 - 16.º andar - sala 1613 - fone: 21-2954. Não perca.

pra cavalo

“Agora, está chegando a vez do rádio deslizar pelo mesmo trilho uniforme por onde já deslizam a indústria fonográfica, a televisão e a maior parte dos grandes negócios desse nosso planeta capitalista. O rádio vai aderindo à receita da padronização, com as redes. Do ponto de vista da empresa, a solução é perfeita: reduzindo o custo, alarga-se o lucro. É simples: uma central produz a programação de todas as emissoras da rede, enviando a seqüência das músicas a serem executadas em fitas gravadas para cada uma das estrelas dessa constelação do carbono. A despesa, óbvio, rola escada abaixo: é preciso uma única discoteca, um único estúdio de gravação, uma só equipe de programação, etc. Várias redes de rádio já operam assim, confirmando que também aí o padrão standard é quem manda.”

Maurício Kubrusly, crítico musical, ex-diretor de programação da rádio Excelsior FM, deu esse depoimento publicado na “Folha”. Descreveu exatamente o sistema produtivo adotado e que culminou com a sua demissão na Excelsior. A Globo, que tem o controle dessa rádio, deve implantar um mecanismo de produção uniformizada para todo o país, proporcionando todos os benefícios ao seu domínio nas comunicações.

Claro, quem está perdendo mais uma vez, somos nós, pobres ouvintes. Foi-se uma das únicas opções que tínhamos. Pequenos focos ainda resistem, como a rádio Universidade. Perde também a música brasileira. Estão achando que nossos ouvidos são latrinas.

A uniformização do gosto musical é degradante, mas a coisa complica quando o repeteco das músicas, qual moto-perpétuo, chega a mostrar a infeliz coincidência de quatro, cinco emissoras de rádio executando a mesma música. É dose cavalari. E dose cavalari é pra cavalo!

“Eu acho que eu pintei no pedaço muito jovem, 19 anos e não sabendo nada da vida. Vinda de uma camada pobre da população. Quer dizer, o “allegro desbum” realmente se estabeleceu na minha cabeça a partir do negócio do “Arrastão”. Eu fiquei famosa, saía na rua, todo mundo parava e pedia autógrafa. Eu entrava na loja, comprava um negócio, o nego não deixava pagar. Fiquei com crise de supermulher, Mulher Maravilha, durante algum tempo. Eu rodopiava, falava Shazan e estava tudo certo. Quer dizer, não precisava nem rodopiar. Eu cantava e o mundo desabava”.

Elis era assim, dessas raras pessoas com incrível carisma, mesmo sem falar nada. Quando cantava - canta - então... Ela surgiu num momento importante da música brasileira, fruto de um festival de música ainda honesto. Mas quando estourava de sucesso, teve início o retrocesso com a mudança de governo em 64, num momento importante da música e da cultura como um todo.

“Percebia, mas eu não tinha as informações todas. Percebia na hora que um companheiro ia cantar uma música e aí já não podia mais. Um aviso que eu recebia de que certas músicas não podiam mais ser cantadas. Mas eu tomei um susto em 68, quando tudo ainda parecia “coincidência”. Acabou o “Fino da Bossa”, e não foi um negócio isolado destruir uma trincheira de defesa da música brasileira, com expoentes de linguagem como Edú Lobo, Geraldo Vandré, Sérgio Ricardo. Mas ficou a Jovem Guarda, Hebe Camargo, sabe? Então, passados os anos você começa a ver que tudo tinha uma razão de ser. Aí pinta muita guitarra no samba, é a chegada da ordem de fora mesmo. Vamos faturar porque isso é um negócio como outro qualquer. Quer dizer, o romantismo da gente foi pro brejo mesmo. Dane-se que você goste de samba, vai começar a gostar de samba com guitarra, agora. Começa a massificação. Toca de manhã no rádio, de tarde, de madrugada. Daqui a pouco está todo mundo achando ótimo”.

É, Elis. A coisa não mudou nada. O bum-bum-bum incansável



ELIS

Elis Regina Carvalho Costa, a maior cantora da cena musical brasileira, deixou a vida na manhã nebulosa de 19 de janeiro de 1982. De morte matada ou de morte morrida, não importa. A sua ausência física é gritante. A presença espiritual, através da música, gratificante. Um largo sorriso nos lábios, um som estéreo aflorando da garganta, braços ao ar chamando à liberdade, é assim que está espalhada a sua imagem. Este registro n'a GAZETA vai se juntar aos milhares, porém, sem nenhuma preocupação mercadológica associada às gravadoras, que já garantiram seu espaço em certos veículos de comunicação. É a indústria da morte, Elis.

está aí nos nossos ouvidos, martelando, glorificado por 99% das emissoras de rádio e televisão. A grande maioria se fecha em determinadas fórmulas de sucesso e delas não abrem mão. A música é tratada como uma coisa. Afinal, é mais importante a música brasileira ou um apartamento em Ipanema? É mais importante tocar com músicos brasileiros ou gravar discos nos EUA com músicos americanos?

“Olha, eu estou querendo pegar o maior número de compositores desconhecidos para gravar, pra arejar um pouco. Está ruço. Está todo mundo contando as mesmas histórias, está um circo de elefantinho, todo mundo gravando as mesmas músicas ou uma mesma linha de composição, porque é tudo feito pelo mesmo compositor. Um pouco desse desinteresse por parte do público talvez seja por causa disso. Quando você pega uma remessa de discos de fulano, beltrano, sicrano - por exemplo, vamos falar das mulheres - pega Simone, Bethânia, Elis e Gal, você sabe que, basicamente, o repertório é o mesmo. É que são sempre os mesmos seis caras compondo há 15 anos. Eu quero furar esse bloqueio. Tem alguns que não tiveram oportunidade de ser ouvidos, ter o trabalho debatido, criticado. Por quê? Porque não tem o festival de antigamente, onde a rapaziada nova pintava com força. Televisão estava aberta, o rádio estava aberto, o jornal estava debatendo, o nego se sentia impulsionado em direção a alguma coisa. O festival sumiu. Aparecer num programa de televisão? Esquece. Porque o espaço está caro e a gente vai botar quem está em primeiro lugar na parada, quem está tocando mais no rádio”.

Elis, agora os festivais estão por aí, encabeçados por uma multinacional do petróleo seguida pelas multinacionais do disco. Com jurís grandiosos de até 200 pessoas, a maioria artistas de telenovelas. Gravações privativas, transmitidas depois em vídeo-teipes limpos e frios, sem o calor e o suor do público.

Elis, as coisas por aqui mudaram muito e continuam. Pergunte ao nosso querido Adoniran Barbosa, que foi ao seu encontro. Saudades.